

Conexões da vida: uma antropologia da experiência

Edgard de Assis Carvalho

Extraído de “Conexões da vida. Natal: Una, 2017”.

Resenha: Alessandro Francisco*

Les préceptes qu'on va lire sont le fruit de l'expérience ; l'expérience implique une certaine somme de bévues ; chacun les ayant commises, - toutes ou peu s'en faut, - j'espère que mon expérience sera vérifiée par celle de chacun.

Conseils aux Jeunes Littérateurs

Charles Baudelaire

Je ne veux pas d'autre secours que celui-là : vous parler. – Car je suis à tel point de ma vie que je ne peux plus dépasser. Pourtant ce n'est pas lassitude. Mais je ne comprends plus. J'ai besoin... J'ai besoin de parler; vous dis-je. Savoir se libérer n'est rien ; l'ardu, c'est savoir être libre. – Souffrez que je parle de moi ; je vais vous raconter ma vie, simplement, sans modestie et sans orgueil, plus simplement que si je parlais à moi-même. Écoutez-moi : [...]

L'immoraliste

André Gi

* Doutor em Filosofia pela PUC-SP em co-tutela com a *Université Paris 8*, Professor de cursos de Pós-Graduação da COGEAE – PUC-SP e Pesquisador Associado ao *Laboratoire d'Études et de Recherches sur les Logiques Contemporaines de la Philosophie (LLCP)* da *Université Paris 8* e ao *Centre Cavaillès de l'École Normale Supérieure de Paris*.

Recentemente publicado, o escrito *Conexões da vida – uma antropologia da experiência*, de Edgard de Assis Carvalho, traz inúmeras contribuições e provocações, convidando diversos domínios do saber, sobretudo aqueles reunidos pela expressão “ciências humanas”, a exercitar reflexões.

Antes de tudo, deve-se esclarecer que *Conexões da vida* não é um relato sobre o qual muito se deva escrever. Trata-se de um escrito que se precisa “saber”, isto é, saborear¹, experimentar e sobre o qual se deve refletir e dialogar.

O texto segue seu curso, como um belo flúmen: a vida de Edgard. Resta saber – questão posta na emergência da filosofia – se se trata, ao longo de seu trajeto, do mesmo rio ou se ele é sempre o outro de si mesmo, lançado na metamorfose perene de seu próprio fluxo. Aquilo que resta de mais importante, a nosso ver, é que este “pequeno paralelepípedo”², esta unidade física a que denominamos “livro” não se restringe a uma simples narrativa autobiográfica. Ele é mais.

A vida de Edgard de Assis Carvalho é vinculada a diversas instituições brasileiras de ensino e de pesquisa, sendo sua própria existência um laço de interligação entre elas. Estão, dentre os estabelecimentos mencionados, PUC-RJ, PUC-SP, USP, UNESP, UFRN, Fiocruz, de tal modo

1 Remetemos, aqui, ao sentido do verbo “saber” presente no vocábulo latino *sapidus* (saboroso), recuperado recentemente por Alain Grosrichard no último seminário da série “*Vitam impendere vero: a questão da verdade em Rousseau*”, organizado pelo Centro de Estudos Jean-Jacques Rousseau, na PUC-SP.

2 FOUCAULT, 2016b, p. 24, tradução nossa.

aludidas que a narrativa de seu escritor nos permite adentrar na história da constituição de alguns de seus departamentos, cursos e mesmo no programa de ensino de algumas disciplinas proferidas por ele e por outros tantos personagens que compõem a história das fundações, consolidações e mesmo extinções de entidades no interior destas academias.

Como nos confirma seu depoimento, nestes anos 1960 e 1970 era impossível viver a história dos estabelecimentos de ensino e pesquisa no Brasil estando imune à violência da ditadura militar: nossa história se fez nos combates e lutas engendrados no interior de universidades e escolas. A universidade era – o seria, ainda hoje? – comunidade.

Como sua carreira e produção acadêmicas não se restringem ao território nacional, se interconectam ainda variadas instituições e figuras estrangeiras presentes no relato. Seu texto nos guia por um passeio – por vezes plácido, por vezes deveras funesto – de um certo marxismo à emergência do pensamento da estrutura – para nos distanciar, aqui, do epíteto “estruturalismo” e, logo, do enclausuramento de pensadores numa escola, sob um estigma, o que reduziria sua compreensão e mesmo sua contribuição para a história do pensamento. Nós, tal como Edgard de Assis Carvalho – ao que nos parece –, somos avessos à alocação de pessoas e de reflexões em categorias.

Belas aulas percorrem todo o texto – ou seria ele próprio uma sequência de aulas? – e tornam possível o aprendizado da pesquisa, da reflexão, do pensar não somente conectados à vida, mas em seu estado vivente.

Das reuniões com Maurice Gaudelier na *École des hautes études*

en sciences sociales, Edgard nos faz andejar por Paris até o *Laboratoire d'anthropologie sociale*, fundado em 1960, onde agendara um encontro com seu idealizador, o então Professor da Cátedra de *Antropologia social* do *Collège de France*, Claude Lévi-Strauss. Ainda no horizonte desta última e singular instituição, nos vemos, com Edgard, diante de Michel Foucault, mais precisamente no curso *Le gouvernement des vivants*, e de Roland Barthes, provavelmente em suas aulas sobre *La Préparation du roman*, curso proferido entre 1979 e 1980. Curiosamente, ao trio aludido por Edgard, junta-se, na memorável caricatura de Maurice Henry, publicada em *La Quinzaine littéraire* em 1º de julho de 1967, o psiquiatra Jacques Lacan, compondo o quarteto então designado de “estruturalista”.

Na passagem dos anos 1970 para os anos 1980, Edgard percorreu as aulas esvaziadas de um longevo e um tanto relegado Professor Lévi-Strauss, que só viria a habitar o mundo ancestral em 2009, os dois auditórios lotados ocupados pelos ouvintes de um “elettrizante” Michel Foucault no auge de seu brilho, com morte próxima, arrastado em 1984, como tantos outros, pelo vagalhão da AIDS, alcançando, ainda, as lições de Roland Barthes, cujo falecimento era iminente: um “inexplicável” atropelamento em março de 1980. Tudo isso sem preterir algumas pausas aqui e ali para degustar *escargots* – arriscamos esta afirmação, pois ao menos este gosto do escritor de Conexões da vida o conhecemos –, dentre outros, no *Restaurant Polidor*, no número 41 da Rue Monsieur le Prince, no bairro do Odéon, onde tradicionalmente o escritor fixa sua residência parisiense – talvez “vivenda” seja, aqui, uma palavra mais adequada e precisa.

O relato se entrecruza com os períodos sombrios pelos quais passou Edgard de Assis Carvalho: prisões, acidentes, incidentes... dissidências(?).

Encontrando-se para entrevistas e para discutir suas pesquisas e reflexões com tantos outros pensadores, dentre eles o biofísico Henri Atlan, será em outro Edgard que suas indagações buscarão apoio seguro: Morin. Seu interesse e paixão pelo pensamento da “complexidade” o inspirou, certamente, no modo como desdobra frase a frase seu escrito.

Perfazendo um horizonte bem mais largo, o percurso de Edgard de Assis Carvalho – que permanece em sua marcha intrépida pelo bosque da meditação, aqui tomada em suas duas acepções: reflexão e exercício – parte de uma etnologia do povo Terena para mergulhar na filosofia de Edgard Morin. De uma ponta a outra de sua caminhada inconclusa, descreveu uma jornada que o levou do modo de ser ameríndio ao cerne da expressão da razão ocidental – a Filosofia –, tentando conceber, agora a partir dela, outros modos de experimentar o conhecimento e de se relacionar com o mundo.

É relevante frisar que Edgard de Assis Carvalho faz se entrecruzarem, em sua narração, ao menos três planos diversos de realidade ou, se se preferir, de experiência. Misturam-se o pensamento, onde partilha com o leitor suas reflexões, pesquisas e os resultados de algumas investigações e de alguns dos diálogos empreendidos com variados pesquisadores; a ação, isto é, suas experiências pessoais na docência, na direção de grupos de pesquisa, na organização e direção de publicações, no engajamento

político, na sexualidade, no cotidiano; o sonho, esta experiência de si num estado outro de percepção. Como observara Michel Foucault, em seu primeiro escrito de 1954,

Sonhar não é um outro modo de fazer a experiência de um outro mundo. É, para o sujeito que sonha, o modo radical de fazer a experiência de seu mundo e, se esta maneira é a este ponto radical, é porque a existência se anuncia nele como sendo o mundo. O sonho se situa neste momento último em que a existência é ainda seu mundo, imediatamente além, desde a aurora do despertar ela já não o é mais.³

Edgard de Assis Carvalho parece considerar a ponderação daquele que, ainda que numa ocasião muito específica – aulas no *Collège de France* – fora seu professor. Talvez o continue sendo.

Rompendo as narrativas tradicionais que separam o mundo real do onírico, Edgard segue a escrita, em seu relato, mantendo unidos num mesmo mundo, numa mesma experiência, pensamento, ação e sonho. Os planos se complementam e não são clivados em camadas. Estão sempre conectados.

Sua narração é, sobretudo, corajosa: não teme enunciar o sonho, nem o desejo; sequer omite do leitor os prazeres. Tudo o que usualmente é “confessado” no setting psicanalítico se torna matéria viva de sua escrita que não se pretende oferecer à hermenêutica. Trata-se simplesmente de partilhar de modo audaz uma existência corajosa e inspiradora, tal como o narrador proposto por André Gide em *L'immoraliste*. Edgard rompe intrépido o silêncio sobre o sexo e a sexualidade, transformando totalmente o registro daquilo que é “dito”. Provavelmente por este motivo gera per-
3 FOUCAULT, 2001, p. 128-129, tradução nossa.

plexidade em alguns de seus leitores. Ora, não é ela – a perplexidade – o germe por excelência da reflexão dita filosófica?

A enunciação do sexo, do desejo e do prazer deveria permanecer confinada num ambiente confessional e confiada, por consequência, a um “profissional” da confissão: o sacerdote, o psicanalista ou o terapeuta? O modo como Edgard de Assis Carvalho expõe esta matéria ainda estrangeira a nós mesmos não somente a faz resistir à interpretação e à exegese. Sua diegese – em sentido amplo – se entrega ao leitor como equipamento existencial, afrontando as investidas hermenêuticas. Trata-se apenas de proferi-la, escrever sobre si para aquinhoar sua própria vida com o outro. Edgard nada confessa, apenas narra o que se passou.

Seu texto combate ainda as classificações impostas pelos denominados gêneros literários e por suas respectivas modalidades textuais. *Conexões da vida* não pertence a nenhum, simultaneamente atravessando-os todos. O escrito, assim como a matéria enunciada por Edgard, não se doa a uma regra ou a um código. Ele desconserta a própria ordem, seja pelo modo como se desenrola a escrevedura, seja pelo que está nela lavrado.

Conexões da vida é um escrito para ser “devorado”, como testemunharam recentemente uma leitora e minha própria leitura. Presumivelmente porque concerne a “uma antropologia da experiência”, como bem proclama seu subtítulo, isto é, numa “tradução” livre: uma experiência particular de ser humano, um exercício de ser e de se fazer si mesmo. Neste caso específico, o ofício de ser Edgard de Assis Carvalho.

Todavia, no exercício de ser si mesmo, o escritor parece almejar

ao mesmo tempo se diluir no oceano do *complexus* – mais um elemento de bravura. Ousamos afirmar que Edgard de Assis Carvalho, inspirado pelas reflexões do outro Edgard, permanece rigorosamente atento ao pensamento que parte de Maurice Merleau-Ponty, passa por Lévi-Strauss, atravessa Michel Foucault e o alcança, fazendo o homem – neste caso ele próprio, Edgard – se diluir, como quisera Lévi-Strauss, ou se desvanecer, tal e qual anunciara Foucault, “como, na orla do mar, um rosto de areia”⁴.

Afinal, recuperando uma citação de Lévi-Strauss um pouco adiante daquela evocada por Edgard de Assis Carvalho na epígrafe do terceiro capítulo de *Conexões da vida*, “não serviria a nada empunhar um martelo se fosse para bater ao lado do prego”⁵.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, M. Introduction. In : FOUCAULT, M. Dits et écrits I, 1954-1975. Paris: Quarto/Gallimard, 2001.

_____. Les Mots et les choses. In : FOUCAULT, M. Oeuvres I. Paris: Gallimard, 2016a. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

4 FOUCAULT, 2016a, p. 1457; Trad., p. 536.

5 LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 824-825, tradução nossa.

_____. L'Archéologie du savoir. In : FOUCAULT, M. Oeuvres II. Paris: Gallimard, 2016b.

LÉVI-STRAUSS, C. La pensée sauvage. In: LÉVI-STRAUSS, C. Oeuvres. Paris: Gallimard, 2008 (Pléiade).